

SOL

nascente

Publica-se
a um e quinze
de cada mês

Mínimo de assi-
natura: 5 núme-
ros, 5 escudos.
(Pagamento
adiantado.)

Visado pela
Comissão de
Censura

quinzenário cultural de literatura e crítica

de SOL a SOL



não. minhas senhoras,
isso é indecoroso

Um as senhoras caridosas—oh que fauna horrível!—lembraram-se de levar a cabo esta ideia que muita gente achará tocante e que nós classificamos de indigna: homenagear um pedinte. De facto a ideia não ocorreria ao diabo. Que ao diabo, a-pesar-de má pessoa como afirmam, ainda resta o seu tanto ou quanto de decência. Pelo menos não nos consta que alguma vez importunasse a desventura. E menos ainda que a haja escarnecido. Não obstante umas tantas almas bem formadas, destas boas almas cheias de unção e amor pelo próximo, fizeram o que o outro, o Lucifer matreiro e falso da legenda jámais faria.

Homenagear um mendigo é, não há dúvida, isto apenas: felicitá-lo por ter jejuado, embora forçadamente, pela vida fora, durante anos. É fazê-lo crer de que ganhou a bem-aventurança eterna à custa de abstenção alimentar. Em última análise é rir-se da sua incultura ou da sua fé.

De que constou a homenagem não nos importa. Não nos importa mesmo saber se no fim duma sopa com mais adubo ou dum arroz com mais cosido, pregaram no peito do mísero uma condecoração. Só o acto em si nos interessa. E o acto, na sua essência, é simplesmente torpe. Porque isto não é só já exaltar a pobreza, é dar-lhe foros de legalidade. Não é só já mostrar uma falsa piedade pelos que sofrem os horrores da fome—é achincalhar a desgraça.

afinal qual é o caminho?

O facto não deve ter passado despercebido a ninguém. Realmente quem há aí que não tenha notado a maneira aguerrida como ultimamente aparecem em público os grandes diários? São gravuras e mais gravuras de engenhos de morte. Gravuras na primeira, na segunda, na última página. Dir-se-ia uma obsessão. E aquelas fôlhas de papel sem consistência, que os olhos de toda a gente estavam habituados a encarar sem receio, surgem de-repente com o aspecto feroz dum inimigo. É possível que as entidades que dirigem tais «colossos», possuam as suas razões, talvez secretas, de assim mandarem para a rua, nuns trajes todos marciais, as suas gazetas. Parece-nos entre tanto que exageram—que carregaram demasiadamente nas tintas. Porque o ar belicoso desses jornais chegou a ponto tal que é de temer venham a criar na consciência dos seus leitores, ou do país, o que vem a dar no mesmo, dois estados de alma por igual funestos: ou um medo muito grande e muito forte que roce pela cobardia, ou uma audácia muito alta e muito triste que se confunda com a loucura. E se uma sociedade de timoratos que foge das carochas seria sumamente ridícula, uma sociedade que só pensasse em aventuras sanguíneas seria acima de tudo lamentável. Que, pois, os sábios órgãos metam as mãos na consciência e nos digam se os seus intuitos consistem em remeter-nos a todos para o manicómio ou transformar-nos em meninos de mama com medo do papão.

o analfabetismo e a mendicidade

Portugal é o país dos doutores, dos analfabetos e dos mendigos. Não há lugarejo onde pelo menos se não conte um bacharel, dois ou mais mendigos e quatro ou mais analfabetos—excluído o bacharel. Donde há a concluir que Portugal é um país feliz. Mas se o doutor nos honra com a sua sabedoria e o analfabeto nos não encomoda com a sua ignorância—o mendigo com a sacola ao ombro, as faces cavadas e a mão estendida de caridade em caridade, de-veras nos vexava com a sua miséria. Sobretudo quando o estrangeiro nos batia ao ferrolho e percorria a nossa casa, as côres subiam-nos ao rosto. E a indigência a passear nas ruas, a assaltar-nos às esquinas, a perseguir-nos, a puxar-nos do casaco—tornou-se um pesadêlo para o indígena. Pensou-se então com afinco nesta chaga, desenvolveram-se esforços desesperados para a sarar (melhor, para a esconder.) E assim foi que, à entrada de muitas terras, surgiram uns disticos onde se lê em letras vermelhas, enormes: é proibido mendigar. Concordamos com os disticos. Somente os achamos desnecessários. Primeiro por não termos a certeza de os indigentes saberem ler. Segundo porque mesmo a dar-se o caso, muito problemático, de saberem, a proibição lhes não abafar as vozes do estômago. Achávamos pois preferível que os avisos fôssem substituídos por podarias onde todo e qualquer necessitado pudesse ir saciar a sua fome—de graça.